

Dois

Oscar Nakasato

Dois

TORÐSILHAS

Copyright © 2017 Oscar Nakasato
Copyright desta edição © 2017 Tordesilhas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

PREPARAÇÃO Gabriella Plantulli
REVISÃO Fernando Nuno
PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio
CAPA Amanda Cestaro
LETTERING DE CAPA Mariane Ayrosa

1ª edição, 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nakasato, Oscar

Dois / Oscar Nakasato. – São Paulo : Alaúde Editorial, 2017.

ISBN: 978-85-8419-058-4

1. Ficção brasileira I. Título.

17-07944

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

2017

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br

 /Tordesilhas

*Para Lucas Shinji
e Elis Tama*

*[...] imaginaron que todo hombre es dos hombres
y que el verdadero es el otro [...]*
“Los teólogos”, Jorge Luis Borges

*Cedo ou tarde, o tempo e o acaso acabam por alcançar a todos.
Dois irmãos, Milton Hatoum*

*Maringá, Maringá,
Depois que tu partiste
Tudo aqui ficou tão triste
Que eu garrei a imaginá.*
Joubert de Carvalho

Sumário

- 1 EU também pago o ônibus que ela não paga, eu pago o remédio que ela pega de graça na farmácia, não devo mais nada a ela, eu não devo nada a ninguém. 17
- 2 EU ia com raiva, com raiva de sua avó, também não pense que seu avô era um santo, mas se um homem não pode fumar um cigarro dentro de sua própria casa, o que ele pode fazer? 21
- 3 EU ouvia a japonesada conversando na feira, aquela língua esquisita que ninguém entendia, e riam, riam como se estivessem rindo da gente. 25
- 4 EU, que já renunciei à estabilidade e à unanimidade há muito tempo, fiquei feliz pelo nosso vizinho e o abracei. 29
- 5 EU alertei diversas vezes, Você ainda vai se meter em encrenca por causa de seus amigos, e foi o que aconteceu. 35
- 6 EU aprendi que a gente, por mais que a gente se esforce, às vezes não dá certo. 39
- 7 EU balançava as pernas, mexia os braços, cutucava uma pequena ferida que tinha no dedo médio. 43

- 8 EU vi Zé Paulo num canto da cozinha, ele não
me disse nada. 47
- 9 Eu vi o Zé Eduardo caindo, se estatelando no chão,
bem do meu lado, gritando de dor. 49
- 10 EU fui ao riacho aprender com o sussurro da água,
que aliviou, também, o dolorido dos meus pés. 53
- 11 EU vi a sua bunda cheia de banha balançando dentro
daquela malha. 57
- 12 EU reclamava dele pro seu pai, o seu pai me dizia,
É gente boa, o senhor implica com todo mundo. 61
- 13 EU apanhava, me encolhia e pensava, e pensar
foi o que me fez. 67
- 14 EU me acostumei a ver Maria Luísa ajudando a nossa
mãe na cozinha, no tanque de lavar roupa,
na limpeza da casa. 71
- 15 EU não era nenhum moleque irresponsável, eu era
um homem, e nenhuma enfermeira gorda de dentes
estragados tinha o direito de me dar lição de moral. 75
- 16 EU lhe dizia para não engolir o carço, pois sofreria,
depois, na hora de fazer cocô. 77
- 17 EU sempre fui pela ordem, aquela ordem que está
escrito na nossa bandeira, se tem governo, tem que ser
respeitado, caso contrário vira bagunça. 83
- 18 EU tinha certezas, e eram absolutas as certezas. 87
- 19 EU perguntava com Alberto Caeiro: que metafísica
têm aquelas árvores? 89
- 20 EU abri o zíper da calça, tentei me encaixar,
mas era impossível. 93

- 21 EU parti para São Paulo em 1969 a convite de Eriberto, um companheiro da ALN que conhecera no congresso em Ibiúna. 101
- 22 EU, que cabulava as aulas de educação física no colégio para me dedicar às leituras, compreendi a necessidade dos exercícios para a revolução que preparávamos. 105
- 23 EU não queria ter saído do Brasil. 113
- 24 EU contemplo o tempo passar, não tenho mais pressa, por isso ele passa devagar. 117
- 25 EU acho que as secretárias de consultórios médicos deviam ser todas bonitas, bem perfumadas, bem-vestidas, porque o doente já não está bem, não merece ser atendido por uma mulher feia. 121
- 26 EU fiz tudo direitinho, matriculei na escola, dei vermífugo pra ela não ter vermes, dei dinheiro pra mãe dela comprar roupas, sapatos, escova de dente, cadernos, tudo que uma menina precisa. 127
- 27 EU sinto saudades do menino que seguiu sozinho pela rua, confiante, equilibrando-se sobre as duas rodas, aprendendo que era necessário estar em movimento para não cair. 131
- 28 EU não sou preconceituoso, mas aquela pretinha, nunca gostei. 137
- 29 EU sempre digo, se confessar com o padre, tomar a hóstia, limpar a alma dos pecados, ouvir um bom sermão. 143
- 30 EU vou dizer a verdade, eu já achava que era inútil todo aquele esforço, levar pra passear, ficar dando comida na boca, porque ela já não ficava contente, não tinha mais isso de ficar triste ou contente, não era mais um ser humano, era só um monte de carne. 145

- 31 EU descobri que não estava nem um pouco feliz com o seu retorno. 151
- 32 EU as abri, curioso, e vi três ternos, os únicos que nosso pai possuía em toda a sua vida, suas calças e camisas penduradas nos cabides e no calceiro como se ele fosse usá-las no dia seguinte. 155
- 33 EU vi o meu irmão lá no portão com as mesmas duas malas e a caixa de papelão com que desembarcou na rodoviária, logo adivinhei o que me esperava. 161
- 34 EU pensei em dizer ao Zé Paulo para calar a boca, mas era meu irmão, o mais velho, não poderia discutir com ele na frente de seus filhos. 163
- 35 EU gostava de suas visitas no meio da tarde, quando ficávamos sozinhos na casa. 165
- 36 EU ri, e ela, finalmente, progrediu do sorriso ao riso, ainda contido, como se a alegria fosse um direito somente alheio. 169
- 37 EU gritei, e o seu pai e a sua avó foram correndo pro quarto. 173
- 38 EU não quero saber do Zé Eduardo, não quero saber se tem diabete, se tem pressão alta, se é feliz lá com a esposa japonesa, se está sem dinheiro. 177
- 39 EU não conseguia compreender o que significavam aquele corpo parado, que não reagia ao meu aceno, e o olhar mudo. 179

Dois

Não sei por que me perseguem como se eu fosse um criminoso ou tivesse alguma dívida, justamente eu, que sempre andei na linha reta da lei e nunca levei uma multa de trânsito, porque é muito simples, se o semáforo está vermelho, é pra parar, se a placa está indicando que a velocidade máxima é de cento e dez quilômetros, eu vou até cento e cinco. E nunca paguei uma conta com atraso, muito pelo contrário, sempre paguei todas as contas com antecedência, com medo de esquecer alguma. Todos me perseguem, você, a sua irmã, o seu pai, a sua mãe, a sua tia Ana Júlia, o dr. Nakamura, a vizinha, até a sua avó, lá do céu, é lá que ela está, é claro, é pra lá que vão as pessoas que têm um coração puro, e ninguém tinha o coração mais puro que Cidinha. Todas as manhãs de domingo, ela levava um bolo pra dona Lucinda, aquela velha solitária e vesga que vivia numa casa de fundos na Vila Vardelina. Eu lembro muito bem, ela foi lá uma vez com o pessoal da Pastoral da Terceira Idade, eu achava engraçado ver a sua avó participando daquele grupo, porque ela também já era da terceira idade, e ela ia junto com os outros mais novos visitar os velhinhos e as velhinhas em suas casas, os doentes. Ela ficou amiga daquela dona Lucinda, não sei o que viu nela, mas sua avó foi sempre assim, tinha essa mania de fazer amizade com todo mundo. Eu dizia pra ela,

Não vá dando confiança pra qualquer um, mas não tinha jeito, ela confiava em todo mundo, desde que era mocinha e a gente namorava, ela falava assim, Você é muito desconfiado, Zé Paulo, tem muita gente boa neste mundo. A sua avó estava enganada, o que tem é muita gente ruim neste mundo, isso é que é, por isso as penitenciárias estão abarrotadas de presos, esses vagabundos preferem roubar que trabalhar. Você sabe quantos cheques sem fundos me deram em todos esses anos em que fui dono da relojoaria? É gente ruim, sim, gente que mente. Me diga uma coisa, dar um cheque sabendo que não tem fundos não é o mesmo que roubar? Mas com a sua avó não adiantava, ficou velha e continuou acreditando que todo mundo tinha o mesmo coração puro que ela tinha. Ela falava, Zé Paulo, de segunda-feira a sábado dona Lucinda só tem um copo de leite, pão e margarina no café da manhã, ela merece comer um bolo no dia de domingo. Ora, muita gente só come pão e manteiga, muitas pessoas nem isso têm pra comer, é assim desde o início da humanidade, e a sua avó querendo consertar o mundo levando um bolo aos domingos pra uma pobre velha vesga. E você com essa cara, não, não me venha com essa cara, eu sou um homem justo, que ninguém duvide disso, sempre fui um homem justo, sempre fui trabalhador, sempre paguei as minhas contas em dia e nunca me levaram bolo pra comer quando eu também só comia pão com manteiga. Sempre paguei os meus impostos, que Deus me livre de ser devedor, principalmente devedor do governo, que dever e não pagar é uma grande vergonha, seu bisavô sempre me dizia. Os impostos que pago são a minha contribuição pra sociedade, você sabe, eu sou assim, eu não sonego como todo mundo faz. Até seu pai, seu pai que é tão honesto, outro dia eu ouvi ele telefonando pra não sei quem, pedindo uns recibos falsos pra abater no imposto de renda. E aquela história de vender sem nota fiscal, o vendedor diz com a cara deslavada, Sem nota fiscal eu posso dar um desconto. Por isso

eu sempre peço a nota, não quero ser cúmplice dessa roubalheira. O dinheiro do imposto é sagrado, que o governo pegue esse dinheiro dos impostos e compre o bolo de domingo pra dona Lucinda! O seu médico do SUS é pago também com o dinheiro dos impostos que eu pago, eu também pago o ônibus que ela não paga, eu pago o remédio que ela pega de graça na farmácia, não devo mais nada a ela, eu não devo nada a ninguém. Cidinha se foi, e como o governo não sabe administrar o dinheiro dos impostos, a velha agora deve comer pão e manteiga também aos domingos, ou talvez tenha morrido, mas a culpa não é minha.

Nós nunca fomos ricos, você sabe, mas sempre tivemos o que comer, também nunca reclamei por ter que pular da cama às seis horas pra trabalhar, sempre fui provedor. Seu bisavô nos ensinou que o trabalho torna o homem digno, e eu sou digno, todo mundo sabe, trabalhei desde cedo, com disciplina, porque em casa era normal, todos tinham que trabalhar, menos o Zé Eduardo, que era um vagabundo, porque em toda família parece que tem que ter um torto, e lá em casa era o Zé Eduardo. Lá em casa tinha regras, cresci aprendendo que a gente precisa cumprir as regras, por isso eduquei meu pai e suas tias com rédeas curtas, e mesmo quando sua avó pedia pra ser mais tolerante, eu exigia que eles andassem na linha. Sua avó, você se lembra, era muito boa, tão boa que era boba. Seu pai e sua tia Ana Paula, depois sua tia Ana Júlia, todos mandavam nela, os filhos mandando na mãe, eu dizia que era errado, alguém tinha que segurar as rédeas, dizer que tem hora pra comer, que tem hora pra brincar, que no mundo tem lugar e hora pra isso e aquilo, e que não devemos confundir aquilo com isso. A vida em sociedade é respeitar as regras! Um dia vi no Jô Soares um sujeito falando do anarquismo, uma sociedade sem governo, sem leis, eu queria saber como seria, seria uma anarquia. Quando nós compramos a primeira televisão, era 1973 ou 1974, passava *A grande família*

depois da novela, *Shazan, Xerife & Cia.*, seu pai e Ana Paula queriam comer no sofá assistindo à TV, fui eu que não deixei, ora, sofá não é lugar de se comer, é na mesa que a gente faz as refeições, e sua tia Ana Paula brigou, disse que eu era um quadrado, era assim que ela me chamava, quadrado, você sabe o que é isso? E ela já era metida a moderninha, mas moderninha só na capa, dentro do livro é que estavam as regras, e quem escrevia as regras era eu, eu era o pai. Cidinha ficava com pena deles, era muito mole a sua avó, mas se eu fizesse o que ela queria, seu pai e suas tias tinham crescido sem saber o que é certo e o que é errado, e você sabe, é o rigor que forja o caráter do homem. Sua avó era boba, suas regras eram outras. Ela dizia, Eu faço o que o coração manda, e o coração não erra. Acontece que o coração dela era uma gelatina. Ela só queria que eu não fumasse, que pelo menos não fumasse dentro de casa, mas não gritava, nunca ouvi um grito da sua avó. Ela não brigava, dizia com a voz baixinha, Olha, Zé Paulo, o cigarro faz mal pra saúde. Ela tinha toda a razão do mundo, e eu ficava irritado com ela, ela vinha com aquela vozinha, O cigarro faz mal pra saúde, o cigarro faz mal pra saúde, e dizia que tinha escutado num programa de televisão sobre o fumante passivo, então que pelo menos eu fosse fumar lá fora. E ela me olhava daquele jeito, me julgava e me condenava, mas não tinha autoridade pra punir, então pedia, ela até implorava, e eu ia fumar na varanda. Eu ia com raiva, com raiva de sua avó, também não pense que seu avô era um santo, mas se um homem não pode fumar um cigarro dentro de sua própria casa, o que ele pode fazer? Eu também ficava com raiva porque aquele era um jeito de sua avó mandar em mim, eu, que sempre obedeci à minha mãe e ao meu pai, que sempre obedeci à professora, na escola, eu ainda tinha que obedecer à sua avó? Veja como era, sua avó mandava sem dar uma ordem, falando com a voz baixinha, e eu obedecia. Faz quase três anos que ela nos deixou, e eu ainda não

posso fumar tranquilamente dentro de casa. Logo que ela morreu, antes de eu vir morar com vocês, eu fumava na sala da casa velha, na cozinha, finalmente livre pra fumar onde quisesse. Acho que era a minha vingança, uma vingança contra a sua avó, justamente a sua avó, que era boa demais. Era vingança, sim, porque hoje eu sei que sua avó conseguia muita coisa de mim falando daquele jeito, me olhando daquele jeito, mas a vingança não deu certo, não podia dar certo, porque quem se vinga nunca ganha, era eu que ficava desassossegado, era contra mim que a vingança se voltava, por isso voltei a fumar na varanda mesmo morando sozinho. Sua avó deixou a gente, e pensei que não ia ter mais ninguém me vigiando, mas agora é pior, os olhos de Cidinha estão por toda a casa, são como aquelas câmeras que ficam girando, estão espalhadas em todos os cômodos, e eu não consigo escapar, estão ligadas vinte e quatro horas por dia. Parece que estou num desses programas que têm câmeras em tudo quanto é canto, você é vigiado o tempo todo. É bom pra quem gosta de ficar se exibindo, pra mim não serve, eu não gosto nem dessas câmeras que tem nos bancos, nas lojas, eu sei que é necessário, o mundo tá cheio de bandidos, mas eu não tenho culpa, não devo nada a ninguém, não gosto que me vigiem. Sua avó está em toda parte, ela sabe tudo, ela enxerga além do corpo, penetra a alma, fica vasculhando os meus pensamentos, apontando as minhas fraquezas, e sua voz também chega até os meus ouvidos, onde quer que eu esteja, sua voz, que parece um sussurro, é a voz do martírio que passou na última semana de vida. Ela delirando no quarto do hospital, eu pensava, É melhor que não acorde mais, vai acordar e vai sentir aquelas dores. A morfina não fazia mais efeito, ela não ia ficar boa, era inútil aquele sofrimento. Naquele dia eu fui até a catedral, primeira vez que fui numa igreja sozinho, fora do horário da missa, eu sentei no primeiro banco e conversei com Deus, fiquei lá meia hora. Foi ele, foi Deus

quem me mostrou o caminho, foi ele quem guiou as minhas mãos em direção ao aparelho, eu só fiz o que tinha que ser feito. Eu girei aquele botão, a sua avó parou de grunhir. Aqueles grunhidos de sua avó, tão diferente daquela voz límpida e cristalina... Quando seu pai e Ana Paula eram pequenos, ela cantava nas missas, e o padre não queria mais ninguém, só a Cidinha, só a voz da Cidinha explodindo dentro da igreja.